



TRABALHOS

DE

Antropologia e Etnologia

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E
ETNOLOGIA E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

VOLUME XI

DA SOCIEDADE E DO CENTRO

SUBSIDIADO PELO INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA

PORTO

Sede da Soc. e do Centro: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA—Faculdade de Ciências

Gruta da nascente do rio Almonda

POR

Afonso do Paço, Maxime Vaultier

E

Georges Zbyszewski

I — LOCALIZAÇÃO

A) GENERALIDADES.

O Almonda, afluente da margem direita do Tejo, é um rio de cerca de 30 quilómetros de extensão e margens aprazíveis, principalmente de Torres Novas para baixo, como refere Pinho Leal. Este autor diz ainda que deriva seu nome do vocábulo árabe «*Almodde*, medida de cereais, correspondente ao alqueire», acrescentando que «desta palavra procede, com certeza a antiga medida de líquidos — *Almude*». Os hebreus diziam *Modd* com o mesmo significado e «os romanos lhe chamavam *Alius-Munda* ou *Alius-Monda*» podendo «ser que daqui lhe provenha o nome» (1).

Recebe as águas de uma parte da Serra de Aire (Vale da Serra, etc.), assim como da bacia hidrográfica de Mira-Minde (2).

(1) Pinho Leal — *Portugal antigo e moderno*, vol. I. Lisboa, 1873, pág. 153.

(2) Sobre esta bacia hidrográfica corre uma lenda que diz: «Em tempos idos rebentaram as águas do rio Almonda no Vale da Serra. Os habitantes receosos de que também se formasse no seu lugar uma lagoa como a de Minde em ocasião de grandes e prolongadas chuvas, acorreram a vedar as «bocas» com quantos meios havia «invocando o alto valimento do excelso taumaturgo S.^{to} António» — («Boletim da Junta da Província do Ribatejo», — freguesia de Pedrógão — Vol. I, Lisboa, 1940, pág. 637).

As dimensões da sua bacia de alimentação são muito imperfeitamente conhecidas por se alargarem por uma região calcária que comporta numerosas grutas e algares, nas quais a circulação das águas subterrâneas jamais foi estudada. Este trabalho que seria interessante e útil, não poderá ser feito senão em longos meses de pacientes pesquisas, empregando corantes especiais como por exemplo a fluoresceína.

Enquanto tais estudos se não realizam, digamos provisoriamente que a principal saída das águas subterrâneas da vertente meridional da Serra de Aire, é a nascente do Almonda, que se observa na base de uma alta falésia de calcários batonianos, atravessados por uma importante falha, ao pé da qual se encontra o edifício da fábrica de papel «A Renova».

Esta ressurgência, de caudal apreciável no verão, é infinitamente mais importante no inverno, onde a água passa por cima da barragem da fábrica formando uma poderosa catarata: Est. I, n.ºs 1 e 2 (3).

O rio Almonda separa na sua nascente duas freguesias: *Pedrogão*, a que serve de limite Sul e *Zibreira*, de limite Norte. O conjunto de casas existentes à beira da nascente, e na

(3) No «Boletim da Junta da Província do Ribatejo», — Vol. I, Lisboa, 1940, pág. 656, diz-se: «Pontos dignos de serem vistos: — A nascente do rio Almonda sobretudo no inverno, pela forma como a água irrompe da vasta caverna que dizem ir até ao Campo de Minde».

Pinho Leal também nos fala nos seguintes termos da nascente do Almonda: «Rebenta todo junto, por um só *olho* de água e se vai despenhando por entre muita e descomposta penedia, com tanto estrondo, que causa pavor a quem ouve. De inverno, sobretudo, é medonho» (*Portugal antigo e moderno*, vol. I, pág. 153). As obras da barragem da fábrica de papel modificaram tudo, deixando o rio de despenhar-se por entre «descomposta penedia», para formar uma poderosa catarata, que no inverno é ponto digno de ser visitado.

margem esquerda, denomina-se Casais Martanos e Moinho da Fonte, sendo este o pequeno aglomerado que se nota junto da ressurgência. Em frente, na margem direita, já na freguesia da Zibreira, fica o que hoje se denomina fábrica de «A Renova», constituída pela fábrica pròpriamente dita, casas de habitação dos seus proprietários e de algum pessoal (4).

B) A GRUTA.

Por cima da actual barragem (Est. II, n.ºs 1 e 2) e, poderíamos dizer, na linha de junção das duas freguesias, fica situada uma gruta cujo acesso é difícilimo e só pode ser feito por estreita senda existente do lado de Pedrógão.

É formada por uma galeria longa e tortuosa, contendo vários patamares, com pequenos alargamentos. Depois de um corredor pouco extenso que nos permite a posição de pé, encontramos um outro bastante baixo, que termina por uma sala arredondada, de altura média. O solo desta é constituído por uma mistura de pedras e terra um tanto negra, que enche um poço primitivo, onde encontrámos numerosa cerâmica e alguns ossos humanos. Uma janela aberta na parede esquerda e a meia altura, estabelece comunicação com um pequeno reduto que possui igualmente uma abertura para o corredor de entrada. Nele encontrámos uma lâmina de sílex.

(4) Um pouco adiante da fábrica «A Renova» e seu aglomerado, fica o lugar de *Almonda*, pertencente à freguesia da Zibreira. O referido «Boletim da Junta da Província do Ribatejo» (vol. I, pág. 655), omite o lugar de Almonda, quando se refere à Zibreira. Tal lugar ainda hoje existe, o censo da população de 1911 dá-o com 42 fogos e 186 habitantes e o *Portugal antigo e moderno* (vol. XII, Lisboa, 1890, pág. 2.240), diz: «Além da povoação da Zibreira, sede da freguesia, compreende a de Almonda, uma fábrica de papel...».

A parte superior do referido reduto possui uma chaminé sem interesse para o presente trabalho. A meio do corredor que estabelece ligação entre a entrada e a supracitada sala, também se encontrou um pequeno depósito de pedras e terra, que nos deu alguns fragmentos cerâmicos e ossos de animais.

Depois da sala acima descrita fica uma escarpa inclinada de cerca de 2^m,5 de altura, não muito estreita, tendo na parte superior um patamar. Neste foram encontrados vários fragmentos cerâmicos, alguns dos quais metidos nas cavidades da base das paredes laterais. Nenhuma estratigrafia pode ser observada nas diferentes escavações a que procedemos na mencionada sala. Tudo o que conseguimos verificar foi que o fundo calcário estava directamente coberto de blocos de pedras de variadas dimensões e por uma camada de terras enegrecidas com humo e cinzas.

Este depósito deveria ter sido revolvido por diversas vezes pelas águas e pelos pesquisadores de tesouros, tendo uns e outros fragmentado a cerâmica ali existente.

Desta sala ainda parte outra galeria que sobe um pouco, terminando bruscamente e a pique num lago subterrâneo. Nesta galeria apenas se recolheu um fragmento de lâmina de sílex, a primeira que se encontrou na gruta.

O lago referido, que está localizado na passagem da falha que já foi mencionada, terá uma trintena de metros de comprimento por quinze de largo e ocupa uma sala bastante alta e de paredes inclinadas (5).

(5) O imperfeito conhecimento deste lago faz-lhe atribuir dimensões variadas. Assim diz-se: «Junto à nascente deste rio (Almonda), poucos metros acima, na encosta íngreme e pedregosa, encontra-se uma abertura, que dá ingresso a

As dificuldades de acesso à gruta não nos permitiram uma peneiragem de terras no seu exterior, e tal operação teve de ser levada a cabo no interior, à luz de bicos de acetilene e no meio de grande poeirada.

Foi esta gruta visitada pela primeira vez em 1937 por Maxime Vaultier e J. Bensaúde, tendo-se notado nessa ocasião a presença de cerâmica. Posteriormente trabalharam nela, além dos três signatários deste trabalho, o Rev.^{do} Eugénio Jalhay, o falecido engenheiro Melo Nogueira, bem como os colectores dos Serviços Geológicos.

A sua exploração terminou em 1942, mercê dos bons ofícios dos proprietários da fábrica de papel «A Renova», tendo-se em 1941 publicado uma nota sobre os primeiros trabalhos realizados (6).

Parece que, de uma maneira geral, se poderá afirmar que a gruta não teria servido de habitação permanente às populações primitivas. Também é natural que não tivesse sido utilizada somente como sepultura, pois os ossos humanos recolhidos são pouco numerosos e a sua presença pode ser accidental.

Contudo há notícia do aparecimento ali de um esqueleto completo, encontrado nos entulhos que existiam por baixo da entrada da gruta e que foram removidos quando da construção da barragem, ocasião em que se realizou tal achado.

Estava mais ou menos numa posição vertical, com o crânio para baixo. Ignora-se o local onde depois o enterraram.

uma vasta galeria subterrânea, ainda não totalmente explorada, que dá curso às águas do Almonda através da montanha. Seguindo esta galeria, a cerca de 300 m. da entrada topa-se com um lago que ainda não foi devidamente sondado, mas se calcula ter uns três quilómetros de comprimento por uns 35 metros de largo». (P.^e Augusto Durão Alves — *Torres Novas — ontem e hoje*, Braga, 1942. pág. 74).

(6) Eng. A. de Melo Nogueira, Maxime Vaultier e Georges Zbyszewski — *Primeiras pesquisas na gruta do Almonda* — «Brotéria», vol. XXXII, Lisboa, 1941.

Deveria ter a gruta servido, pelo contrário, por diversas vezes, de refúgio temporário aos habitantes das povoações, que a procuravam em caso de perigo, pois o mobiliário recolhido, contém indícios de várias épocas desde o bronze Mediterrâneo II até aos tempos actuais (7).

II — INDÚSTRIA LÍTICA

A) INSTRUMENTOS DE SÍLEX.

Passando à descrição de algumas indústrias desta gruta, comecemos pelas de sílex.

São escassos os objectos desta matéria-prima, pois dela apenas possuímos:

- a) Pequena lasca, muito irregular, coberta de concreções calcárias, apresentando sinais de utilização, principalmente num dos bordos que teria sido utilizado como raspador (Est. III, n.º 8);
- b) Pequena lâmina retocada nos dois bordos (Est. III, n.º 7);
- c) Três lâminas, ou fragmentos de lâmina, bastante irregulares (Est. III, n.ºs 5 e 13), sendo a n.º 5 de secção trapezoidal.

(7) «Boletim da Junta da Província do Ribatejo» — *Freguesia de Pedrógão*, — vol. I, pág. 636, diz: «Há memória dos franceses, na sua última invasão, terem por aqui passado, refugiando-se a população em grutas existentes na Serra de Aire». O mesmo se diz de outras grutas, por exemplo a da Bugalheira, situada acerca de dois quilómetros a Sul daquela (Afonso do Paço, Maxime Vaultier e Georges Zbyszewski — *A Gruta da Bugalheira* — «Comunicação ao I Congresso de Ciências Naturais» — Lisboa, 1941.

— Durão Alves — *Torres Novas*, pág. 15: «...O General Massena... veio instalar-se com o seu quartel general em Torres Novas...»

B) INSTRUMENTOS DE QUARTZITE.

Também são raros. Apenas uma lâmina pequena com sinais de utilização e vários fragmentos de seixos e de percutores. Um deles é de secção ovóide, achatado e partido nas duas extremidades.

C) INSTRUMENTOS DE ANFIBOLITE, ETC.

Alguns dos objectos deste grupo foram encontrados fora da gruta, nas suas proximidades e um deles mesmo nos entulhos atrás referidos onde apareceu o esqueleto.

Na (Est. III, n.º 1) está representado um machado espalmado, de acabamento lateral muito imperfeito, mas com o gume bem afiado. O n.º 2 é de um pequeno machado triangular, de secção elíptica, cujo gume não parece ter sido afeiçoado, de tal modo se apresenta rombo e sem qualquer vestígio de utilização. Ainda do interior é um fragmento de outro machado, de secção trapezoidal e com as extremidades partidas.

Do exterior da gruta são os seguintes: (Est. III, n.º 4), machado de secção elíptica apresentando ainda vestígios de ter sido utilizado como percutor. Apareceu no sítio do Outeiro, lugar de Casais Martanos. Um outro exemplar, que não vem figurado, é muito espalmado e de gume acerado, apresentando na extremidade oposta indício da sua utilização como percutor. O n.º 12 é um percutor de anfibolite, no género de muitos que aparecem em Vila Nova de S. Pedro ⁽⁸⁾, etc.

O objecto representado na Fig. 1 da página 177 é um instru-



Fig. 1

(8) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay — *A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro.*

mento de grandes dimensões, apresentando de comprimento 0^m,52 e de largura máxima 0^m,04.

Foi encontrado nos entulhos que existiam em frente da boca da gruta e hoje está no Museu Municipal de Torres Novas.

O Professor Manuel Heleno numa comunicação apresentada no XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia pré-histórica assinalou a existência de vários instrumentos do mesmo tipo, considerados por ele como sendo possivelmente machados votivos ⁽⁹⁾.

Os mais notáveis são os seguintes:

a) 2 exemplares do museu de Beja: um de 0^m,30 de comprimento e de secção elíptica; o outro, fragmentado, dum comprimento total de 1^m,02 e de secção circular;

b) Um exemplar do museu de Santiago do Cacém encontrado na Herdade de Enxaraíinho (N.^a S.^a-a-Bela), de 0^m,88 de comprimento e de secção circular;

c) Um do museu de Belém encontrado perto de Redondo e medindo 0^m,36 de comprimento;

d) Um do museu da Figueira da Foz encontrado na Várzea do Lírio, de 0^m,34 de comprimento;

e) Um do museu de Guimarães com 0^m,35 de comprimento;

f) Um do museu antropológico do Porto proveniente de Goucha (Alpiarça) e medindo 0^m,50 de comprimento.

D) OBJECTOS DE XISTO.

Uma placa de secção rectangular e cor escura com um orifício de suspensão bi-cónico (Est. III, n.º 3), cujas dimensões oscilam entre 0^m,06 × 0^m,023 × 0^m,01.

⁽⁹⁾ «Notícia de alguns instrumentos neolíticos de grande comprimento» — *Ensaio de Arqueologia* — III, 1933.

Uma espécie de quadrado, de pequena espessura, o n.º 6, cor castanho-encarniçado, com as dimensões aproximadas de $0^m,037 \times 0^m,031 \times 0^m,009$. Não se pode presumir qual foi a sua utilização, possivelmente extracção de corante.

III — INDÚSTRIA DE OSSO

É muitíssimo escassa e dela apenas possuímos dois objectos (Est. III, n.ºs 11 e 14).

O primeiro é um pequeno furador talhado num cúbito de ovino ou caprino, com as faces muito lisas e lustrosas e a ponta ligeiramente romba. O segundo é um fragmento sem forma definida onde se vêem seis incisões feitas com instrumento cortante.

IV — CERÂMICA

A cerâmica desta gruta, podemos dizer que é abundante, se a compararmos com a escassez dos objectos anteriormente descritos e recolhidos no interior dela. Não pertence a uma só época, pois além de bastante de tipo Bronze Mediterrâneo I, alguma há que se pode dizer argárica e outra talvez já da Idade do Ferro.

Comecemos a descrição por dois objectos que se prendem com a indústria de fiação e tecelagem.

O primeiro é de forma circular, com um orifício que não fica bem ao centro (Est. III, n.º 10). A sua espessura não é perfeitamente igual, pois na parte que possuímos — o objecto não está completo — é maior, adelgaçando para a parte que nos falta.

Parece tratar-se de um cossoiro, não de faces abauladas e arestas arredadas, como a maior parte dos seus congéneres, mas plano nas duas faces e de arestas em ângulo recto.

O segundo dos referidos objectos (Est. III, n.º 9) é o que vulgarmente se chama um carrinho de dobar. Já se lhe fez referência quando da primeira notícia desta estação (10) e relacionou-se mais tarde com outros provenientes de Vila Nova de S. Pedro, Pavia, Beira-Baixa, Tolosa (Alentejo) e El Argar ou com exemplares dos museus de Bolonha e Britânico (11).

*

* * *

Entrando pròpriamente no estudo da cerâmica de usos domésticos, diremos que dela apenas possuimos, salvo raras excepções, reduzidos fragmentos que muitas vezes não nos permitem fazer largas conjecturas quanto à forma da vasilha a que pertenceram. Pelo que respeita a matéria-prima não erramos ao asseverar que toda ela é bastante grosseira.

Podemos dividi-la em três grandes grupos, a saber:

1.º — Cerâmica do Bronze Mediterrâneo I;

2.º — Cerâmica do Bronze Mediterrâneo II;

3.º — Cerâmica da Idade do Ferro.

Ao primeiro grupo pertenceriam os exemplares da Est. IV, n.ºs 15 e 16; Est. VI, n.ºs 19-26; Est. VII, n.º 28; Est. VIII, n.ºs 29-34; Est. IX, n.ºs 35-39; Est. XX, n.ºs 40-50.

Ao segundo grupo os exemplares da Est. V, n.ºs 17 e 18.

(10) Eng.º Melo Nogueira, Maxime Vaultier e Georges Zbyszewski — *Primeiras pesquisas na gruta do Almonda*.

(11) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay — *A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro* — 3.ª, 4.ª, 5.ª campanhas. «Brotéria». Vol. XXXIV — Lisboa, 1942, págs. 22-23 da separata.

Ao terceiro grupo a que vai apresentada na Est. XI, n.ºs 51-60; Est. XII, n.ºs 61-63; Est. XIII, n.ºs 64-65; Est. XIV, n.ºs 66-67; Est. XV, n.ºs 68 e 69.

*

* *

Na cerâmica a que chamamos do Bronze Mediterrâneo I poderemos considerar digno de nota:

1.º — *Quanto a dimensões.* Predomínio absoluto das vasilhas a que chamaremos de tipo médio, fundo esférico, posto que de variadas grandezas e perfis, com ausência completa dos vasilhos minúsculos tão vulgares em Cascais ⁽¹²⁾ ou Alapraia ⁽¹³⁾.

2.º — *Quanto a suspensões* faremos referências a:

a) Protuberâncias mamilares simples, colocadas bastante abaixo do bordo (Est. X, n.º 46; Est. VI, n.ºs 25 e 26);

b) O mesmo tipo de protuberâncias simples, colocadas exactamente junto à parte superior do bordo, facto que se nota em dois exemplares ligeiramente ornamentados (Est. X, n.ºs 40 e 41);

c) Protuberâncias muito espessas e de avantajadas proporções em relação às outras congéneres, também localizada imediatamente a seguir ao bordo (Est. VI, n.º 22);

d) Protuberâncias mamilares simples, mais ou menos afastadas do bordo e atravessadas por um orifício vertical (Est. VI, n.ºs 23 e 24);

(12) Afonso do Paço — *As grutas do Poço Velho ou de Cascais* — «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal» — Vol. XXII, Lisboa, 1942, pág. 27 da separata.

(13) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço — *A gruta II da necrópole de Alapraia* — Academia Portuguesa da História, «Anais». Vol. IV, Lisboa, 1941, pág. 135.

e) Protuberâncias mamilares duplas, uma sobre o bordo e outra ligeiramente abaixo, sendo esta última mais pequena (Est. VI, n.º 19);

f) Asas semi-circulares assentando sobre o bordo e abertas horizontalmente (Est. IX, n.ºs 35 a 39; Est. VI, n.º 20). Este tipo de asa é nesta gruta o mais característico das vasilhas de ornamentação cardial.

3.º — *Quanto a decoração*: não há na cerâmica da gruta da nascente do Almonda grande riqueza, mas podemos notar serrilhados, incisões — algumas com certa profundidade — pontilhados, perfurações e impressões de bordos de conchas do cardium, e assim teremos:

a) *Bordos serrilhados*: apenas um exemplar espesso e de grande vasilha (Est. VII, n.º 28), com o dentado sobre todo o bordo. Este tipo de ornamentação é vulgar por exemplo nas grutas de Cascais, Alapraia, Carenque, e povoado pré-histórico de Montes Claros (14);

b) *Sulcos incisos*, horizontais, formados por três paralelas (Est. X, n.º 41);

c) *Os mesmos três sulcos* mais espaçados e atravessados por perpendiculares, constituindo uma espécie de quadricula (Est. X, n.º 46);

d) *Zonas de linhas paralelas* horizontais ou combinadas com verticais cheias de desenhos em espinha (Est. VIII, n.ºs 29 e 33);

e) *Pontilhados* com matriz de dentes de espessura e comprimento variável, aplicados nuns exemplares verticalmente, noutros com certa obliquidade (Est. VIII, n.ºs 30 e 34; Est. X, n.ºs 42, 45 e 48-50. O n.º 42 forma uma espécie de desenho em ziguezague, constituído por faixa de três paralelas);

(14) Eugénio Jalhay, Afonso do Paço e Leonel Ribeiro — *Estação pré-histórica de Montes-Claros* (Monsanto) — «Revista Municipal», n.ºs 20-21, Lisboa, 1945.

f) Desenhos em *espinha*, desprovidos de paralelas exteriores e constituídos por golpes mais ou menos profundos, Est. X, n.º 48. Alguns parecem feitos com as pontas dos dedos, Est. X, n.º 40;

g) Decoração feita com valvas de *cardium* e constituindo desenhos variados.

Os grupos a) — f) são vulgaríssimos em todas as estações deste período pré-histórico e sobre elas não merece a pena tecer largas considerações.

Quanto ao grupo g) o caso é diferente, pois encontramos em frente da estação portuguesa até hoje conhecida em que mais abundantemente se empregou este tipo de decoração.

Sobre ele publicou há pouco o ilustre arqueólogo espanhol D. Julian de San Valero Aparisi um excelente trabalho em que expõe tudo o que a respeito de cerâmica *cardial* até agora se conhece na península e fora dela (15).

Refere-nos aquele pré-historiador como Sophus Müller chegou em 1883 ao conhecimento do processo de ornamentação que utilizava o *cardium*, depois de consultas feitas a Herluf Winge, agregado do Museu Zoológico de Copenhague e de verificar que determinada técnica não podia ter sido produzida pela roda dentada ou matriz.

Não se trata de um processo local, mas assinalado até hoje nas costas do Japão, Norte da Rússia, Escandinávia, Jutlândia, Escócia, costa portuguesa e região ocidental da África até às proximidades do Golfo da Guiné. Dentro do mar Mediterrâneo

(15) Julian San Valero Aparisi — *Notas para el estudio de la ceramica cardial de la Cueva de la Sarsa* (Valência) — «Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria» — Tomo XVII. Madrid, 1942, pág. 87.

também foi notada a sua existência, sobretudo na costa espanhola, península itálica e Sicília.

Pelo que respeita a Portugal diz San Valero haver cerâmica cardial proveniente de Soutilha (Mairos), Junqueira, Várzea do Lírio, Furninha, Outeiro da Assenta (Óbidos), Pragança e Rotura (Setúbal).

Quanto a Mairos, situada na região interior de Trás-os-Montes, bem como a Junqueira e Várzea do Lírio, não nos foi possível até hoje um exame directo do espólio que se encontra, o primeiro no museu da Sociedade Portuguesa de Antropologia, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e o das duas últimas no museu da Figueira da Foz, criado por Santos Rocha.

No que toca a Furninha, Outeiro da Assenta, Pragança e Rotura, a análise das espécies que nos foi dado observar nos museus dos Serviços Geológicos e Etnológicos do Dr. José Leite de Vasconcelos, não nos leva a afirmar a existência segura de tal decoração.

Onde ela se encontra, com toda a segurança, é entre o espólio da gruta da nascente do Almonda, que se estuda no presente trabalho.

Também a vimos num fragmento cerâmico do Museu Etnológico, em Belém, proveniente de uma das grutas de Rio Maior, explorada pelo Prof. Manuel Heleno.

* * *

Da idade do Bronze Mediterrâneo II há alguns fragmentos cerâmicos, dos quais dois vão representados na Est. V, n.ºs 17 e 18, pertencem ao tipo *argárico* e não se afastam do vulgar deste período, como se poderá verificar se os cotejarmos com os

especímenes apresentados por Bosch-Gimpera ⁽¹⁶⁾, Pericot ⁽¹⁷⁾, Aberg ⁽¹⁸⁾, Almagro ⁽¹⁹⁾, etc.

*

* *

Os exemplares das Est. XI, n.ºs 51 a 60, Est. XII, n.ºs 61-63, Est. XIII, n.ºs 64 e 65, Est. XIV, n.ºs 66 e 67 e Est. XV, n.ºs 68 e 69, são de vasilhas de grandes dimensões e os seus motivos ornamentais e dimensões levam-nos a incluí-los talvez na Idade do Ferro.

Na sua decoração, além dos sulcos profundos que se notam próximo do bordo de vasilha n.º 66, há pequenas impressões circulares que se poderiam obter pela simples aplicação das extremidades dos dedos sobre o barro fresco, n.ºs 67 e 69, e as unhas, n.º 68.

Os motivos constituídos por faixas de paralelas de variada ondulação e executados com uma espécie de pente de bicos rombos e afastados, notam-se nos n.ºs 56, 59, 64, 66 e 68, assim como nos n.ºs 53 e 58 os estampados foliáceos, tipo dos que se encontram em Numância ⁽²⁰⁾.

Todos estes fragmentos de grandes vasilhas, espécie de urnas, podem sofrer paralelo com similares de Alpiarça ⁽²¹⁾, las Cogo-

⁽¹⁶⁾ P. Bosch-Gimpera — *Ethnologia de la península Ibérica* — Barcelona, 1932, pág. 172.

⁽¹⁷⁾ D. Luiz Pericot Garcia — *Historia de España* — Tomo I. Época primitiva e romana, Barcelona, 1942, págs. 205, 207, 209, etc.

⁽¹⁸⁾ Nils Aberg — *La civilisation énéolithique dans la péninsule ibérique* — Halle, 1921, pág. 160.

⁽¹⁹⁾ Martín Almagro — *Introduccion a la Arqueologia* — Barcelona, 1941, pág. 355.

⁽²⁰⁾ J. R. Mélida — *Arqueologia española* — Barcelona, 1942, pág. 209.

⁽²¹⁾ A. A. Mendes Corrêa — *Urnensfelder de Alpiarça* — «Anuário de Prehistória Madrilena» — Vols. IV, V, VI, pág. 131.

tas ⁽²²⁾ onde os desenhos constituídos por faixas de paralelas são vulgares, Cerrapozo ⁽²³⁾, várias localidades da província de Sória ⁽²⁴⁾ e Logronho ⁽²⁵⁾, Molar ⁽²⁶⁾ entre Cartagena e Alicante e Mola ⁽²⁷⁾ junto do Ebro, isto para não sairmos da península Ibérica.

Admitindo esta hipótese como verdadeira, teríamos assim uma sequência de civilizações na região da nascente do Almonda, mais ou menos escalonadas pelo Bronze Mediterrâneo I e II e começos da Idade do Ferro, com algumas soluções de continuidade.

Segundo Santa-Olalla, os campos de urnas começaram na península durante o Bronze Atlântico II, também denominado Bronze IV peninsular ⁽²⁸⁾, mas escasseiam-nos aqui em absoluto os elementos metálicos para uma cronologia mais segura e não parece que tal cultura se espalhasse tão rapidamente por toda a

⁽²²⁾ D. Juan Cabré Aguilo — *Excavaciones de las Cogotas-Cardenosa* (Avila) — I — «Junta Superior de Excavaciones y Antegüedades», Memória n.º 110, Madrid, 1930.

⁽²³⁾ D. Juan Cabré Aguilo — *Excavaciones en la necropoli celliberica del attilo de Cerrapozo-Atienza* (Avila) — «Junta Sup. Excav. Ant.», Mem. n.º 105, Madrid, 1930.

⁽²⁴⁾ D. B. Taracena Aguirre — *Excavaciones en la provincia de Sória* — «Junta Sup. Excav. Ant.», Mem. n.º 119, Madrid, 1932.

Idem — *Excavaciones en diversos lugares de la provincia de Sória* — «Junta Sup. Excav. Ant.», Mem. n.º 75, Madrid, 1926.

⁽²⁵⁾ Idem — *Excavaciones de las provincias de Sória e Logroño* — «Junta Sup. Excav. Ant.», Mem. n.º 86, Madrid, 1927.

⁽²⁶⁾ Don J. J. Senent Ibañez — *Excavaciones en la necropolis de Molar* — «Junta Sup. Excav. Ant.», Mem. n.º 107, Madrid, 1930.

⁽²⁷⁾ Salvador Vilaseca — *El poblado e necropolis prehistoricas de Molar* (Tarragona) — «Acta Arqueológica Hispanica I», Madrid, 1943.

⁽²⁸⁾ Julio Martinez Santa-Olalla — *Esquema paleontológico de la península hispanica* — 2.ª ed., Madrid, 1946.

península, de modo a atingir em pouco tempo os confins desta região estremenha.

Preferimos escudar-nos noutras estações mais próximas, como sejam as de Alcácer do Sal, isto sem deixar de observar que, por exemplo em Las Cogotas, nos encontramos em plena Idade do Ferro.

Uma dificuldade nos aparece aqui: como congraçar esta civilização de campos de urnas, com algumas destas vasilhas depositadas dentro de uma gruta?

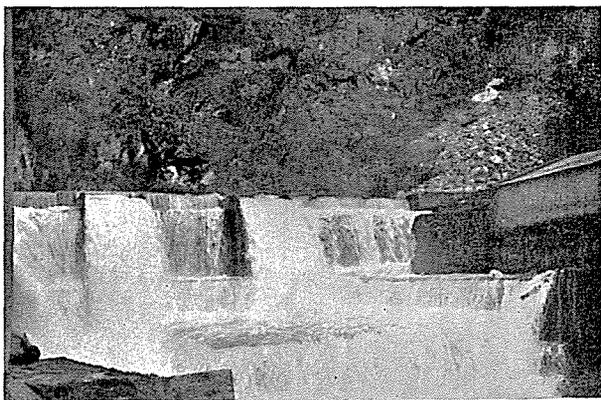
Santa-Olalla diz-nos que o Bronze Mediterrâneo I se pode delimitar entre os anos 2.000 A.C. e 1.500 e que desta data até 1.200 fica o período argárico que compreende todo o Bronze II. Dentro do Ferro que começaria no ano 650 A.C. ⁽²⁹⁾, ou mesmo já a partir do final do Bronze IV seríamos tentados a colocar os bem escassos fragmentos de cultura de urnas, faltando-nos por completo todos os outros elementos característicos, capazes de nos dar um arrimo seguro dentro desta labiríntica gruta, donde ressurge com impetuosidade um rio, cujas águas abundantes, margens férteis e escarpas circundantes de fácil defesa seriam elementos preponderantes naqueles tempos pré-históricos, capazes de explicar, em tempos terríveis de invasão, o resguardo das cinzas dos seus mortos em local de tão difícil acesso.

Lisboa, 1945.

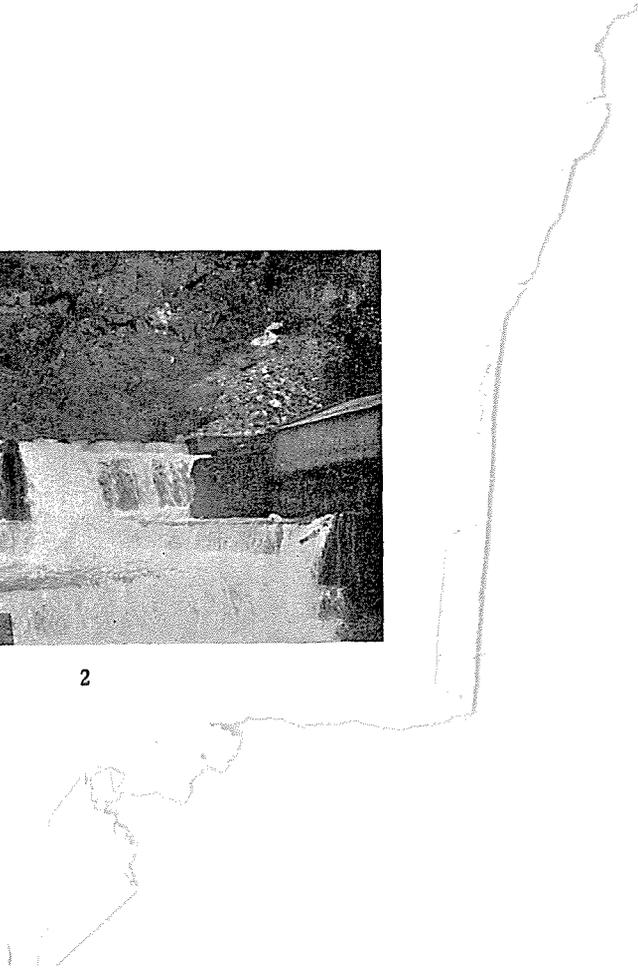
(29) J. M. Santa-Olalla — *Esquema paleolítico*.....

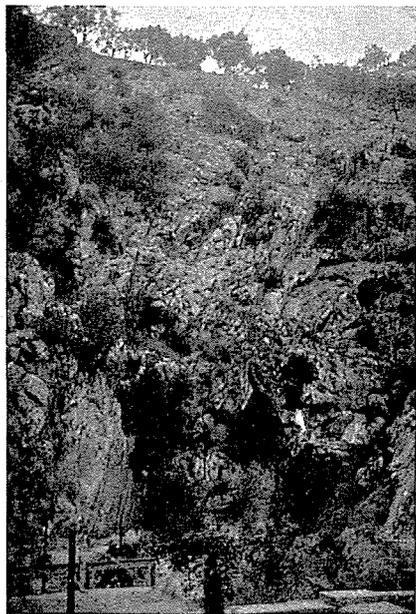


1



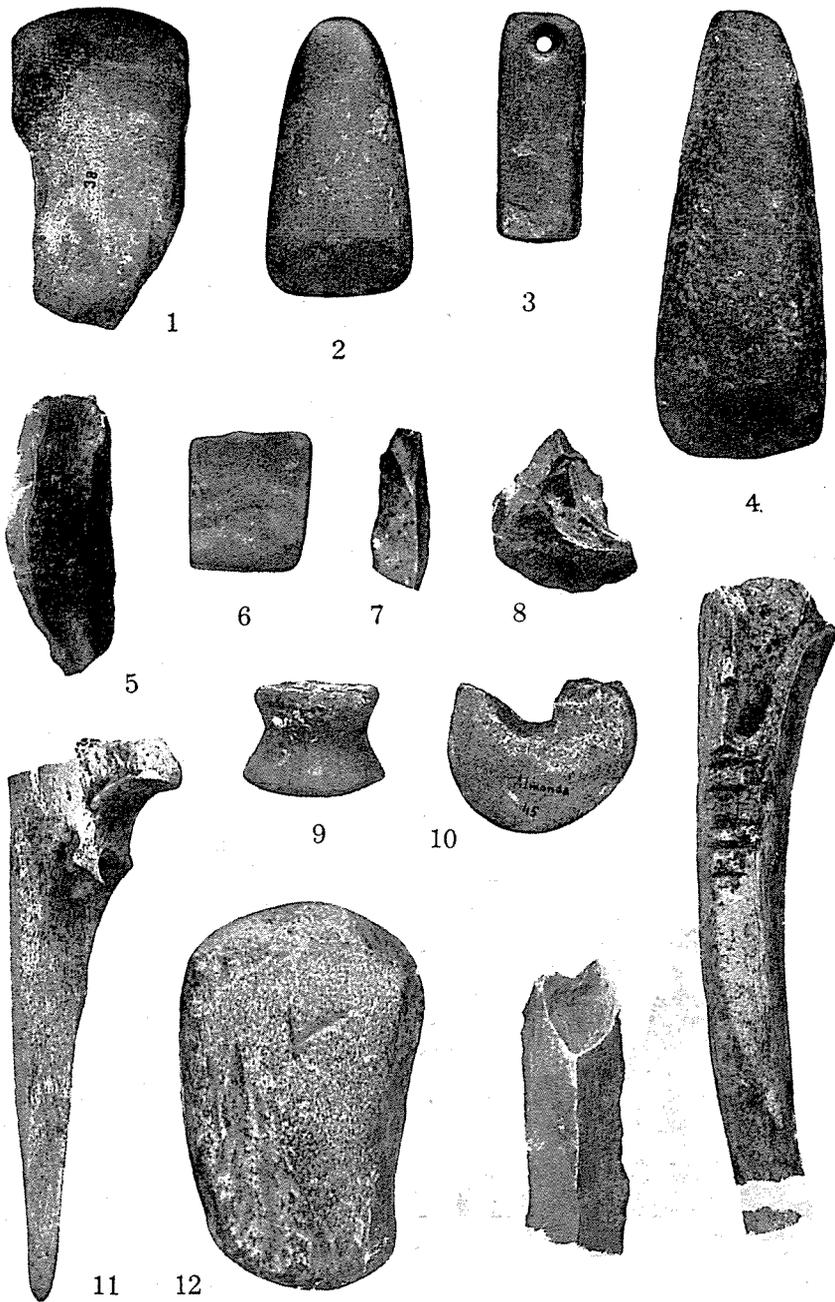
2

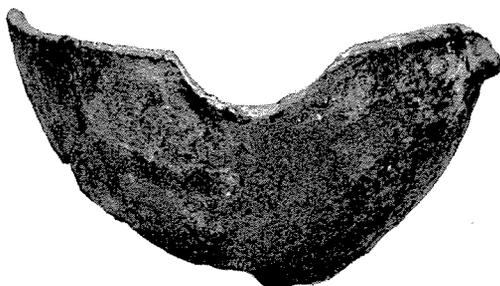




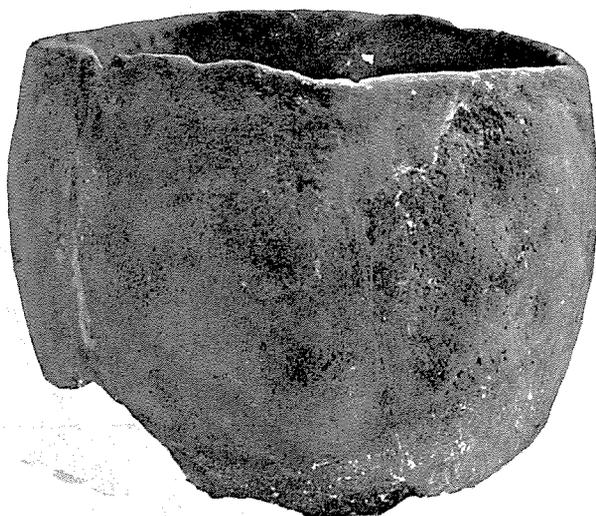
1







15



16

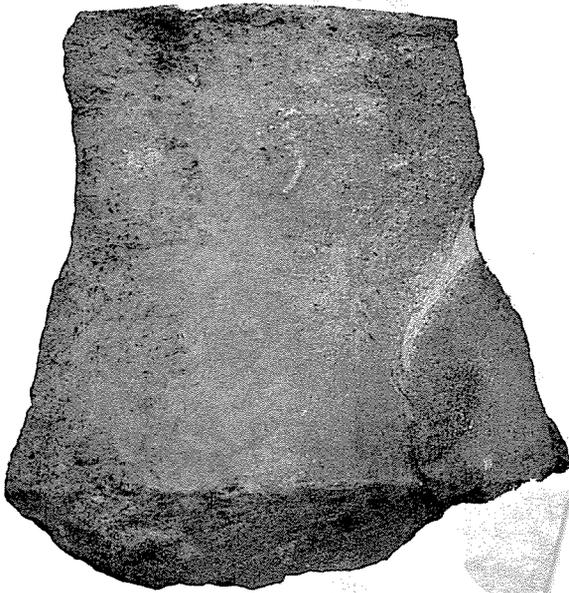
81



24

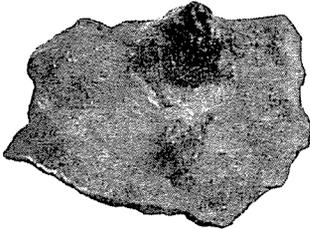


17

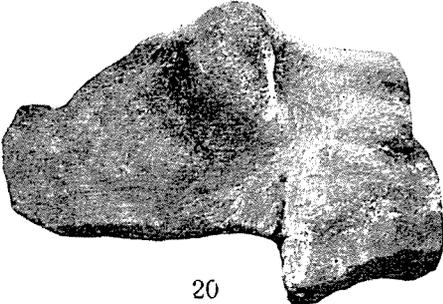


1

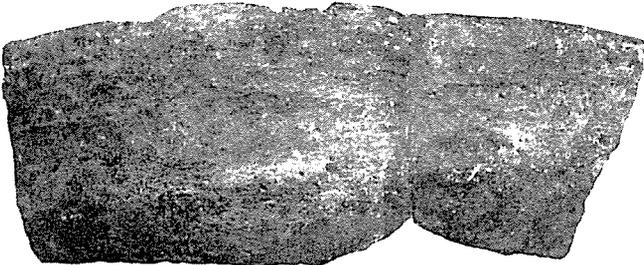




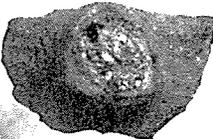
19



20



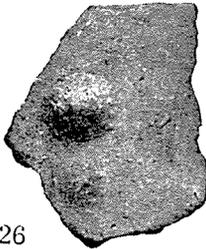
21



22



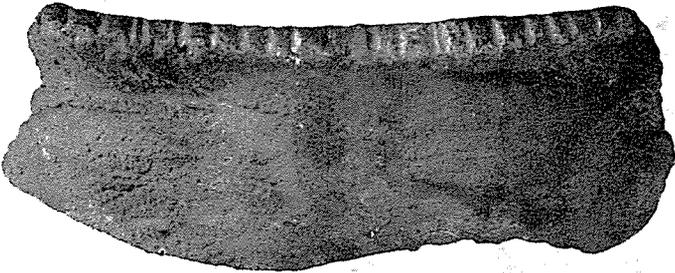
23



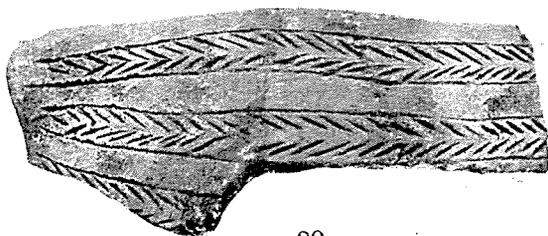
26



27



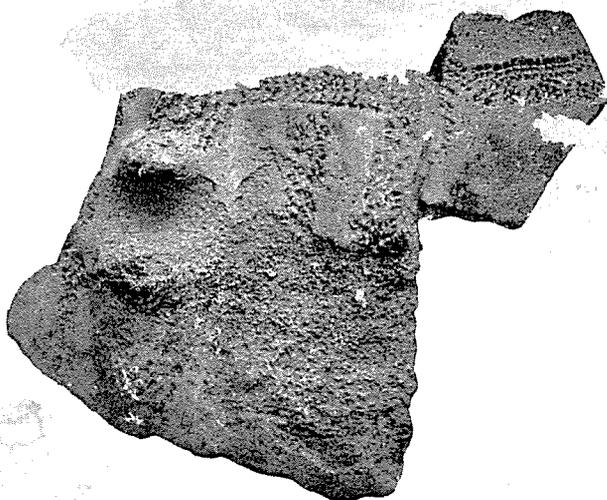
28



29



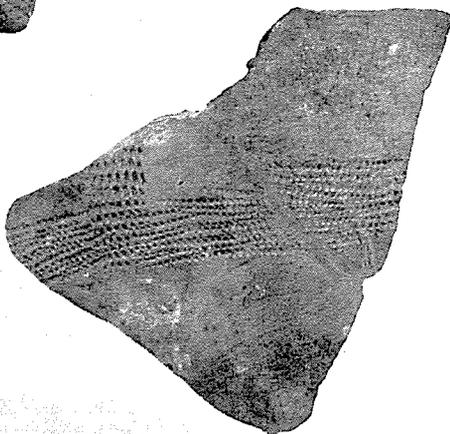
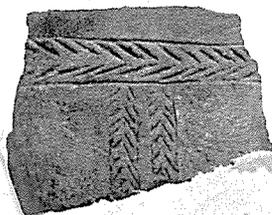
30

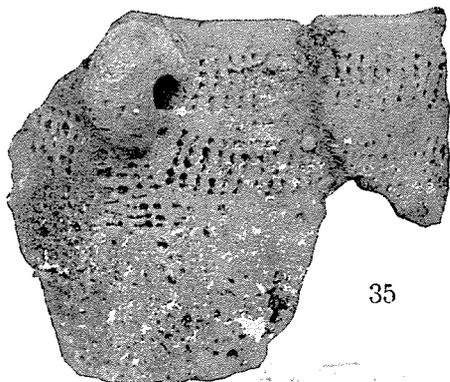


31

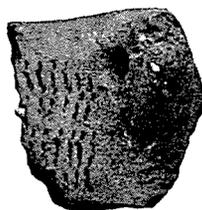


32

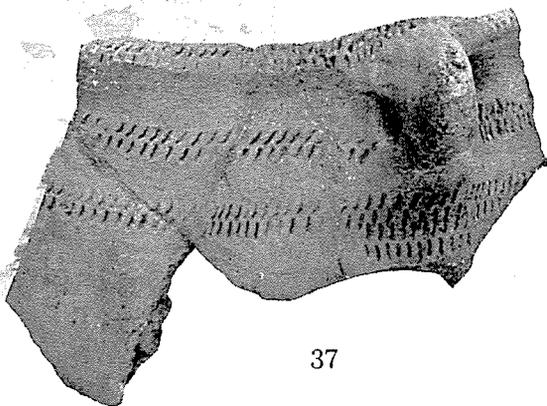




35



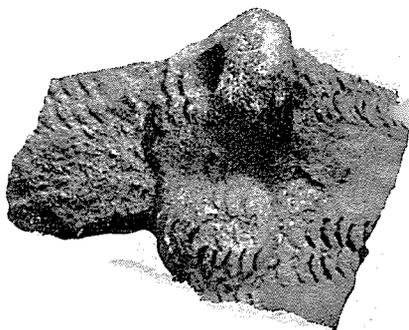
36



37



38

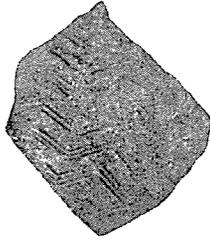




40



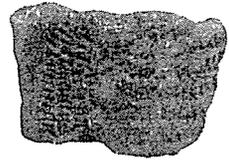
41



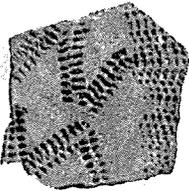
42



43



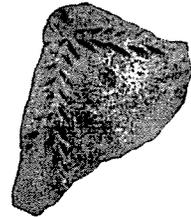
44



45



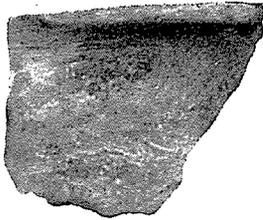
46



47



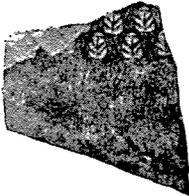
50



51



52



53



54



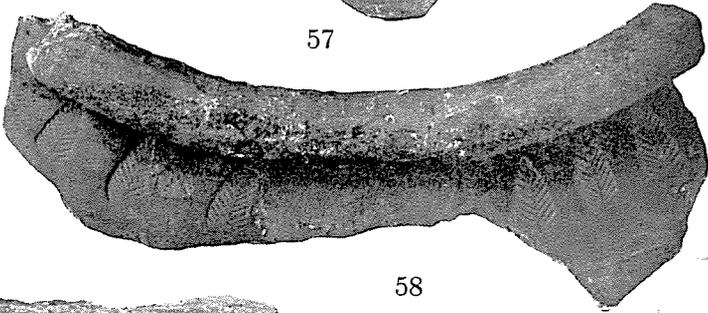
55



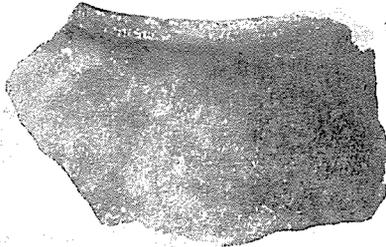
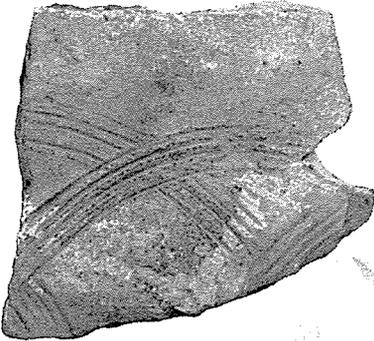
56

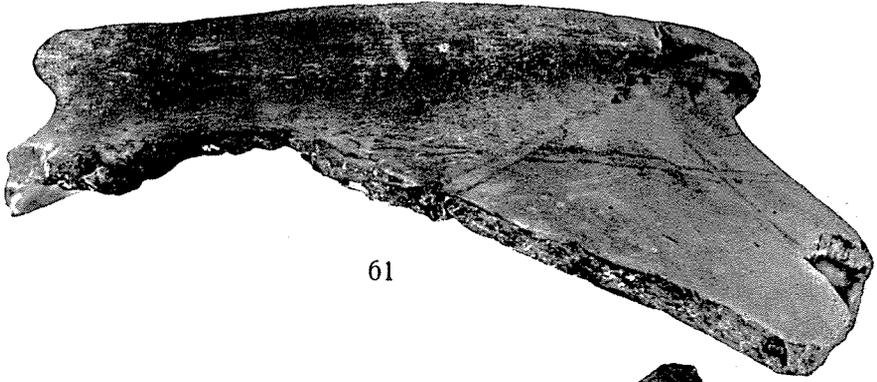


57

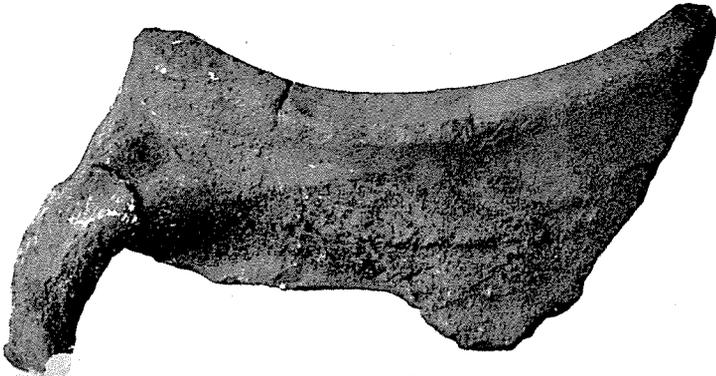


58





61



62

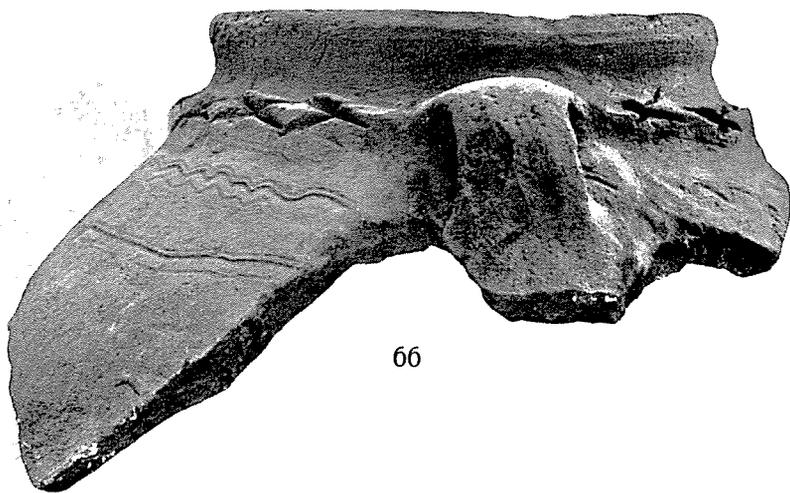


63



64

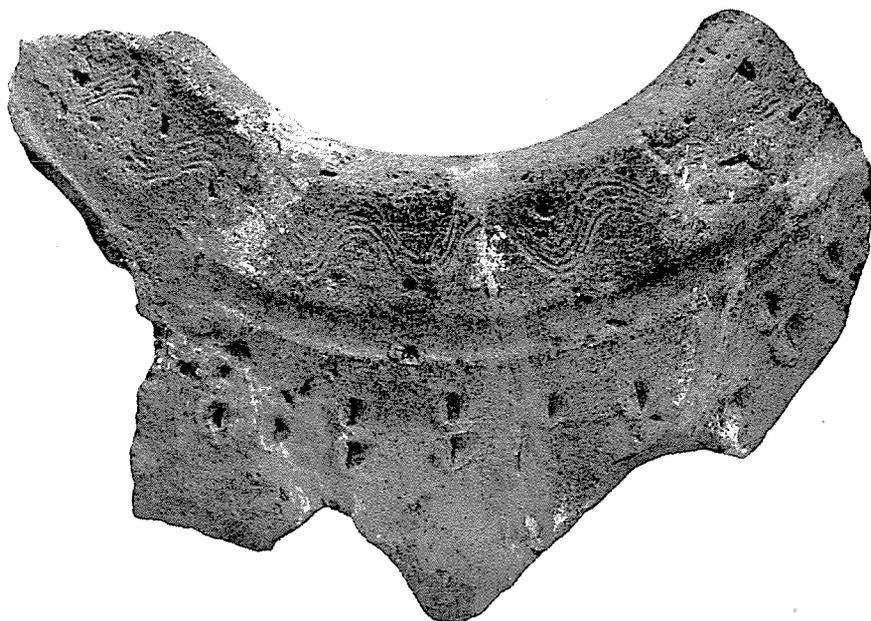




66



67



68

